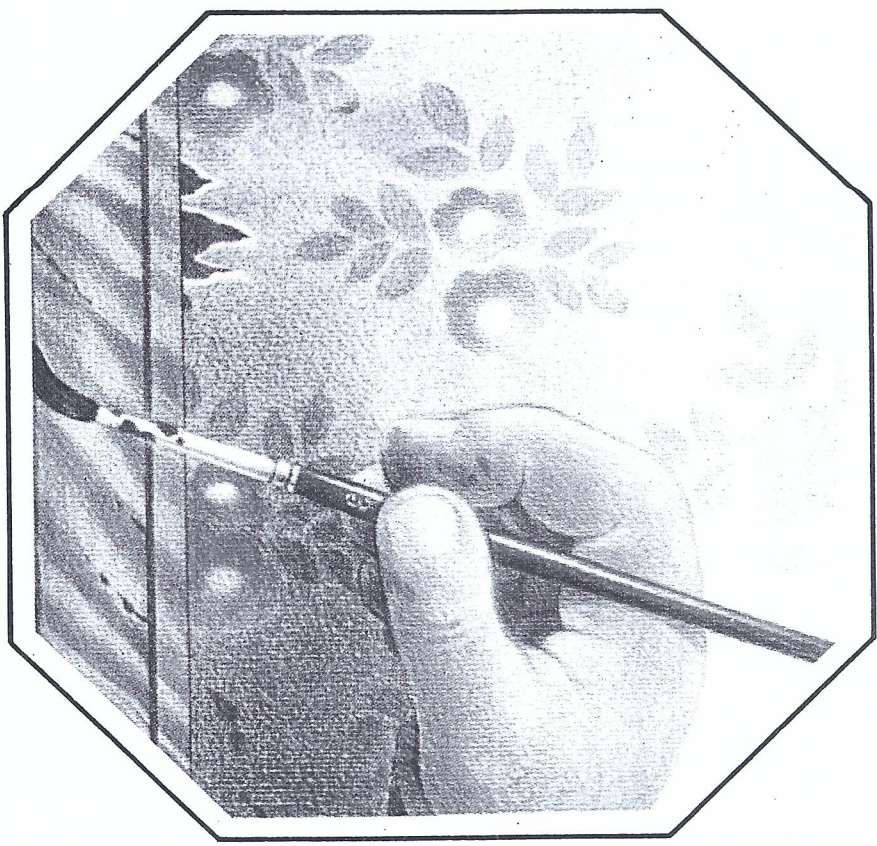


O Expositor

*escreveu Ilse Losa
ilustrou António Modesto*



*Edições Afrontamento
1982*

Miguel recebe uma prenda

Numa grande cidade onde as ruas eram tão compridas que parecia não terem fim e os prédios tão altos que as antenas da televisão nos telhados quase tocavam nas nuvens e onde automóveis, camionetas, autocarros, motos e bicicletas corriam em longas, longas filas, e onde as pessoas fortes migavam apressadamente para cá e para lá, vivia num bairro pobre, num sexto andar, porta 5, o pequeno Miguel com a mãe.

A mãe passava oito horas por dia numa fábrica de garbardinhas a pregar botões. Nessas horas Miguel ficava sozinho em casa ou descia à rua para tomar parte nas brincadeiras dos meninos. Mas como era franzino e se cansava depressa, sentava-se então na borda do passeio a desenhar, com um pedacito de giz, figuras sobre o pavimento. Ansiava por um amigo que como ele gostasse de conversar, de contar histórias e de escutar histórias e que também não quisesse andar todo o tempo em corridas, a soltar gritos e a dar tiros com pistolas de plástico. Mas como ninguém se mostrasse disposto a juntar-se-lhe, ele regressava ao seu andarzinho, sentava-se à janela e olhava para as numerosas janelas do prédio em frente.

Certo dia, quando Miguel se encontrava sentado na borda do passeio a desenhar as suas figuras sobre o pavimento, parou diante dele uma mulher que lhe estendeu uma caixa.

— Tenho-te visto a desenhar nas pedras da rua, disse.

Título: O Expositor

Autor: Ilse Losa

Edição: Edições Afrontamento/R. Costa Cabral, 859/Porto
© 1982, Ilse Losa e Edições Afrontamento

Ilustrações: António Modesto

N.º de edição: 193

Fotocomposição: Liscomp

Impressão: Litografia *ethos*

Tiragem: 4000 exemplares

Toma lá esta caixa de tintas. O meu marido gostava de pintar, mas morreu e as tintas já não servem a ninguém em minha casa. Pode ser que te dêem prazer.

Depois passou-lhe amavelmente a mão pela cabeça e seguiu caminho.

Miguel abriu a caixa e olhou surpreso para as várias filas de bisnagas, ordeiramente alinhadas. Espremeu um pouco de tinta espessa dalgumas delas para o interior da tampa. Depois pegou no pincel pousado numa canelura, virou-o entre os dedos e sentiu-os estremecer como se o pincel os electrizasse.

«Quero pintar», pensou, «quero pintar já!»

Correu à papelaria da esquina e pediu uma grande folha de papel.

— Tu tens dinheiro para pagar? perguntou o empregado.

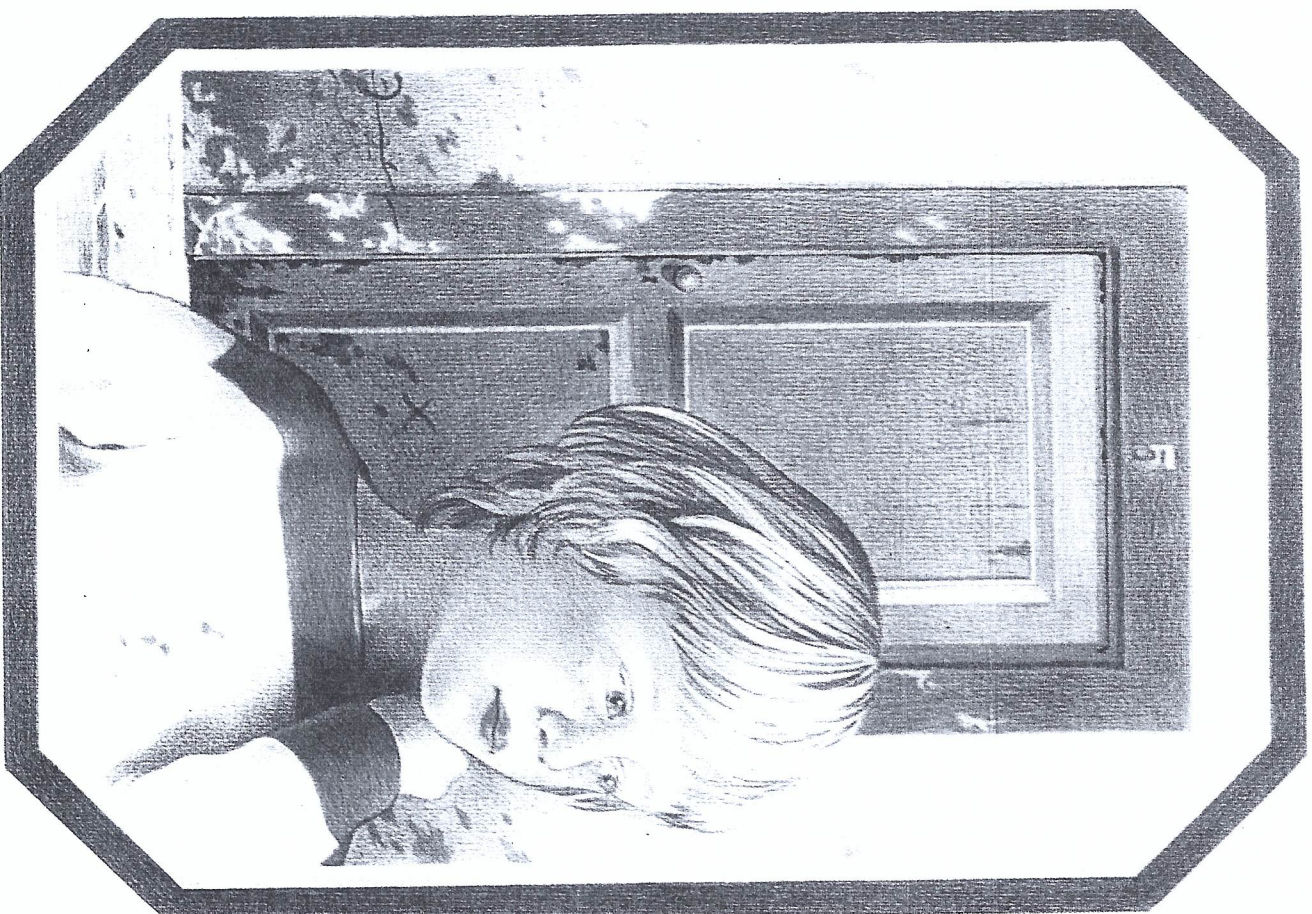
Miguel remexeu nos bolsos e desenterrou dum deles uma moeda:

— Dá para pagar uma folha de papel?

— Até dá para uma folha das muito grandes, respondeu o empregado.

Radiante, Miguel pediu que lhe vendessem uma folha muito grande e branca.

Chegado a casa, estendeu a folha no chão. Mas como ela deslizava dum lado para o outro e não havia maneira de se deixar ficar no mesmo sítio, Miguel revolveu a gaveta do guarda-louça e entre uma série de papelinhos, tubinhos, ganchos de cabelo e pregos desencantou algumas tachas



com que fixou a folha ao chão. E encheu um copo com água para lavar o pincel. Depois começou a pintar.

A folha de papel ganha vida

Desde então Miguel pintava todos os dias naquela folha. Pintava coisas que lhe vinham à cabeça. E vinham-lhe sempre coisas à cabeça, mesmo quando estava deitado na cama e não conseguia dormir ou quando dormia e o seu mundo era o dos sonhos.

Uma vez levantou-se a meio da noite, acendeu a luz, sentou-se no chão e começou a pintar uma árvore cor de violeta. Mas a mãe acordou e ao vê-lo sentado no chão, em pijama, começou a ralhar:

— Por amor de Deus, Miguel! O que é que te deu? Queres apanhar uma constipação? E porque não me deixas dormir? Bem sabes que tenho de pegar cedo no trabalho e preciso descansar.

Miguel nunca mais se levantou durante a noite para pintar. Mas de manhã cedo, mal o primeiro raio de sol entrava pela janela, saltava da cama para continuar a cobrir a folha com a sua imaginação. Pouco a pouco apareciam meninos de fatos às riscas, de vestidos floridos ou salpicados de pintas, mulheres com saias arredondadas, munidas de guarda-chuva ou com um bebé ao colo; homens com chapéu ou sem chapéu; o sol, as estrelas e a lua; casas, aos andares ou térreas, com um jardim e flores; aviões e pássaros a voarem



debaixo dum céu azul; árvores com folhas de todas as cores; cavalos encarnados e amarelos e mais coisas ainda.

A mãe, quando à tardinha voltava do trabalho, começava logo com as lides da casa. A folha no chão estorrava-a, porque a obrigava a andar à volta e a ter cuidado para não pôr os pés em cima. Por isso lhe deitava, de vez em quando, um olhar de poucos amigos.

Aliás a mãe de Miguel não sabia ver as coisas e as figuras que Miguel pintava. Para ela, tudo aquilo não passava de borratada. Mas Miguel, por sua vez, tinha a sensação de que aquela folha de papel estava a ganhar vida e admirava-se que a mãe não visse e não sentisse o que ele tão claramente via e tão fortemente sentia. Propôs então um dia ajudá-la a ver, explicar-lhe o que cada coisa significava, mas ela disse:

— Não tenho tempo para fantasias, Miguel.

As pessoas que têm de trabalhar todo o tempo, são assim mesmo. Dificilmente lhes resta outra coisa.

Um homem interesseiro

Certo dia a mãe recebeu a visita dum homem alto, de cara ossuda, que vestia um blusão de couro negro. Pousou uma garrafa de aguardente em cima da mesa. A mãe foi buscar dois cálices e enquanto ela e o homem iam bebendo, conversavam animadamente. O homem contou histórias de

pessoas que souberam «vencer na vida», ganhando dinheiro e enriquecendo depressa. Como pronunciava a palavra «dinheiro» frequentes vezes e sempre com um ar de cobiça, Miguel achava-a uma palavra feia.

De repente o olhar do homem caiu sobre a folha de cartolina pregada no chão.

— Credo! exclamou e apontou para Miguel — foi ele que pintou aquilo?

— Foi sim, respondeu a mãe.

O homem soltou uma gargalhada:

— Com a breca!

Ajoelhou-se no chão para observar mais de perto as figuras coloridas que Miguel lá pusera. E, embora não se apercebesse bem do que elas significavam, riu-se divertido.

Finalmente ergueu-se do chão, deu umas palmadas nos ombros de Miguel e exclamou, batendo os punhos na mesa:

— O diabo me leve se aquela palhaçada não nos pode render um bom pedacito de dinheiro!

Sentou-se, encheu o cálice, esvaziou-o dum trago e apoiou a cabeça nas mãos. Assim ficou uns minutos, sem falar. Quando voltou a levantar a cabeça, apontou para Miguel e disse:

— Ele próprio tem de oferecer a sua mercadoria. Dá mais efeito. As pessoas gostam dos miúdos desembarrados.

A mãe perguntou com espanto:

— Mas aquela borratada tem algum valor?

— Por que não há-de ter valor? disse o homem. Não se vendem todos os dias coisas que não têm valor? Se um dez reis de gente como ele — e de novo apontou para Miguel —, palidozinho e com uns olhos esquisitos expõe uma pintura, toda a gente pasma e pensa que se deve tratar dum menino prodígio e duma pintura valiosa. Temos de meter a folha numa moldura que dê nas vistas. É importante. Há pessoas que olham primeiro para a moldura e só depois para o quadro.

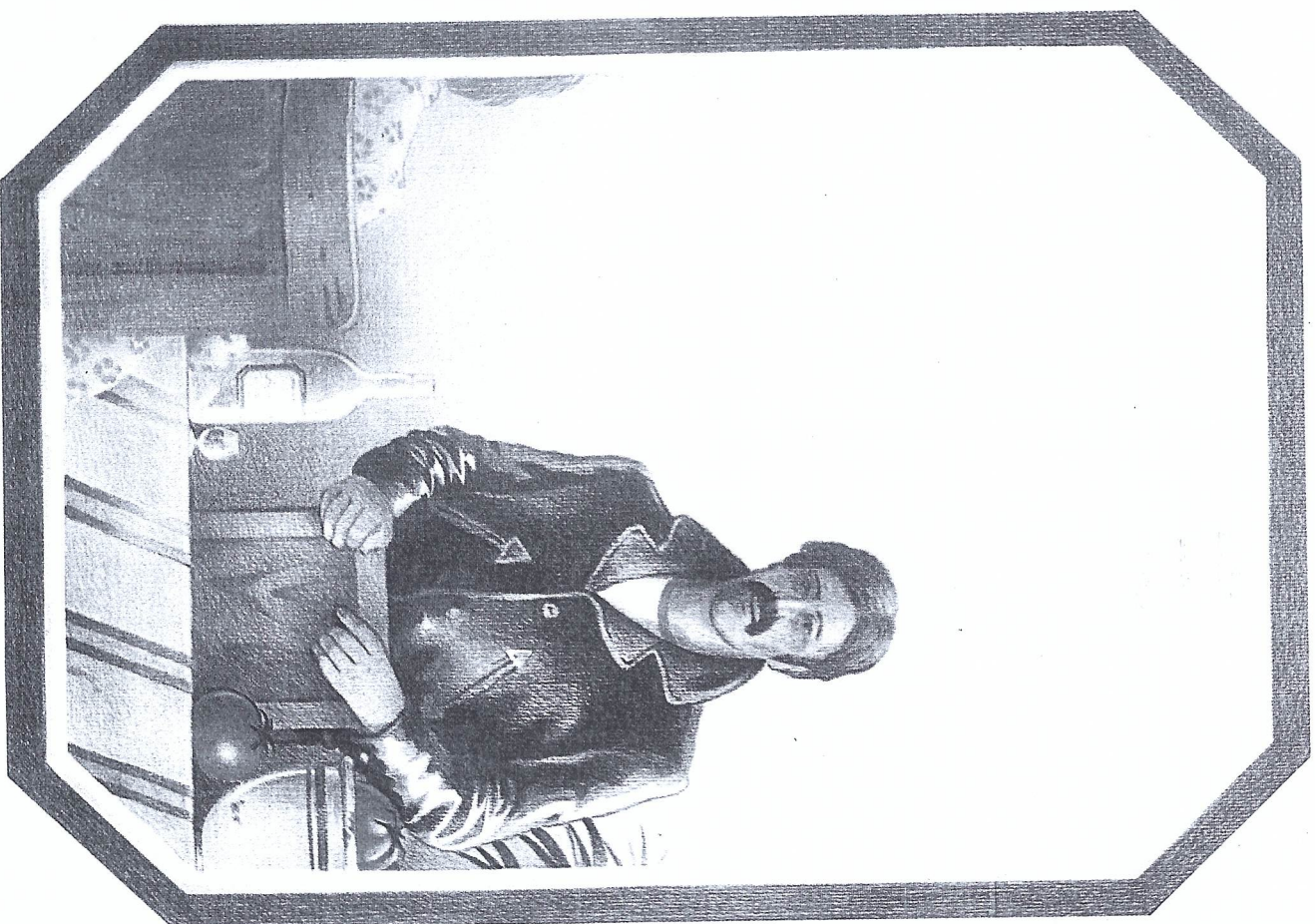
«A pintura é minha! Não a vendo a ninguém. Nem sequer está pronta. E eu não quero que fique pronta. Quero pintar muito mais coisas!», era o que Miguel queria gritar. Mas ficou calado e não se mexeu. E a mãe ajudou o homem a despregar a folha do chão.

— Eu vou comprar a moldura, disse o homem. As costas fazem-se depois.

Enrolou a folha, meteu-a debaixo do braço e saiu.

Imóvel, como se se tivesse transformado em pedra, Miguel olhou para a porta por onde o homem desaparecera. Havia dentro dele um aperto que quase lhe tirava a respiração.

«E agora? O que vai ser de mim agora?» pensou.



O ensaio

Naquela noite Miguel não conseguia dormir e nem sequer chorar. Era como se lhe tivessem roubado um pedaço da sua alma, tão só e tão magado se sentia.

No fim do dia seguinte o homem voltou e trouxe consigo a pintura, agora metida numa moldura dourada e farfalhada. Pousou-a junto da parede, donde ressaltava tão alegre na riqueza das suas cores como o arco-íris ressaltava das nuvens brancas.

— Agora vamos ensaiar, Miguel, disse o homem. Eu faço o papel duma pessoa que anda na rua. Põe-te ao lado do quadro e dá-te ares de artista.

Depois, apontando com o seu indicador gordo para uma mancha cor de fogo, perguntou:

— Que representa esta mancha cor de fogo, meu rapaz?

— Uma cor bonita, respondeu Miguel.

— Disparate! berrou o homem. Não podes dar respostas sem sentido. Devias dizer, por exemplo: é um incêndio.

— Mas não é nenhum incêndio. É mentira.

— Mentira! Mentira! Porque há-de ser mentira? Uma mancha destas pode ser tudo o que quiseses. De resto, não importa se é mentira ou não, importa sim que vendas a borratada, percebes? As pessoas não querem saber a verdade, querem é ouvir coisas que gostam de ouvir, para podem dizer: que rapaz tão inteligente!

Apontou então para uma mancha cor de rosa e perguntou:

— E isto, o que é?

— A nuvem onde nascem as pessoas boas, respondeu Miguel.

— E este borrão negro?

— A nuvem onde nascem as pessoas más, respondeu Miguel.

— Bravo! exclamou o homem. Assim, sim! Toda a gente gosta de ouvir respostas extravagantes, à maneira dos poetas.

Miguel sentiu-se infeliz, mas como tinha medo do homem, não se atreveu a contrariá-lo.

— Tens de sorrir, ouviu-o dizer. Sempre que alguém se te dirige, tens de sorrir, não te esqueças disso. Mas não convém que te rias muito, como se estivesses contente da vida. Se as pessoas te vêem contente da vida, não têm pena de ti e então não compram o quadro. Compreendes? Tens de aprender a sorrir modestamente, meio simpático, meio triste, para que as pessoas se enternecam. Vamos experimentar.

Miguel esboçou sorrisos de todas as maneiras, embora tivesse muito mais vontade de chorar. Em certo momento o homem deu-se por satisfeito:

— Agora acertaste! Lembra-te bem deste último sorriso, que te pode render dinheiro. Vejo que és um rapaz inteligente.

Em seguida mostrou-lhe uma nota de dinheiro, comprida e azulada.

— É por cinco notas destas que tens de vender o quadro.

Olha bem, para não te enganares. Se te oferecerem outras, não accites. Explica que levaste duas semanas a pintar o quadro.

— Levei muito mais tempo, retorquiu Miguel. E ainda não o acabei.

— Credo! exclamou o homem. Não te atrevas a dizer tal disparate. Ninguém acharia graça a borrões desses se soubesse que levaram mais de duas semanas a fazer.

O começo de dias amargos

Na manhã seguinte Miguel encontrava-se numa rua curta, só de peões, que ligava a grande praça com a via central da cidade. Ali os cidadãos faziam as suas compras sem que precisassem de ter receio de serem atropelados pelos automóveis, autocarros e camiões. O quadro estava encostado contra a parede de mármore dum Banco. Não muito distante de Miguel, um homem velho, de calças de veludo azul, expunha uma série de quadros, alguns também encostados na parede de mármore e outros ditados em cima do passeio. Ao ver Miguel, o velho gracejou:

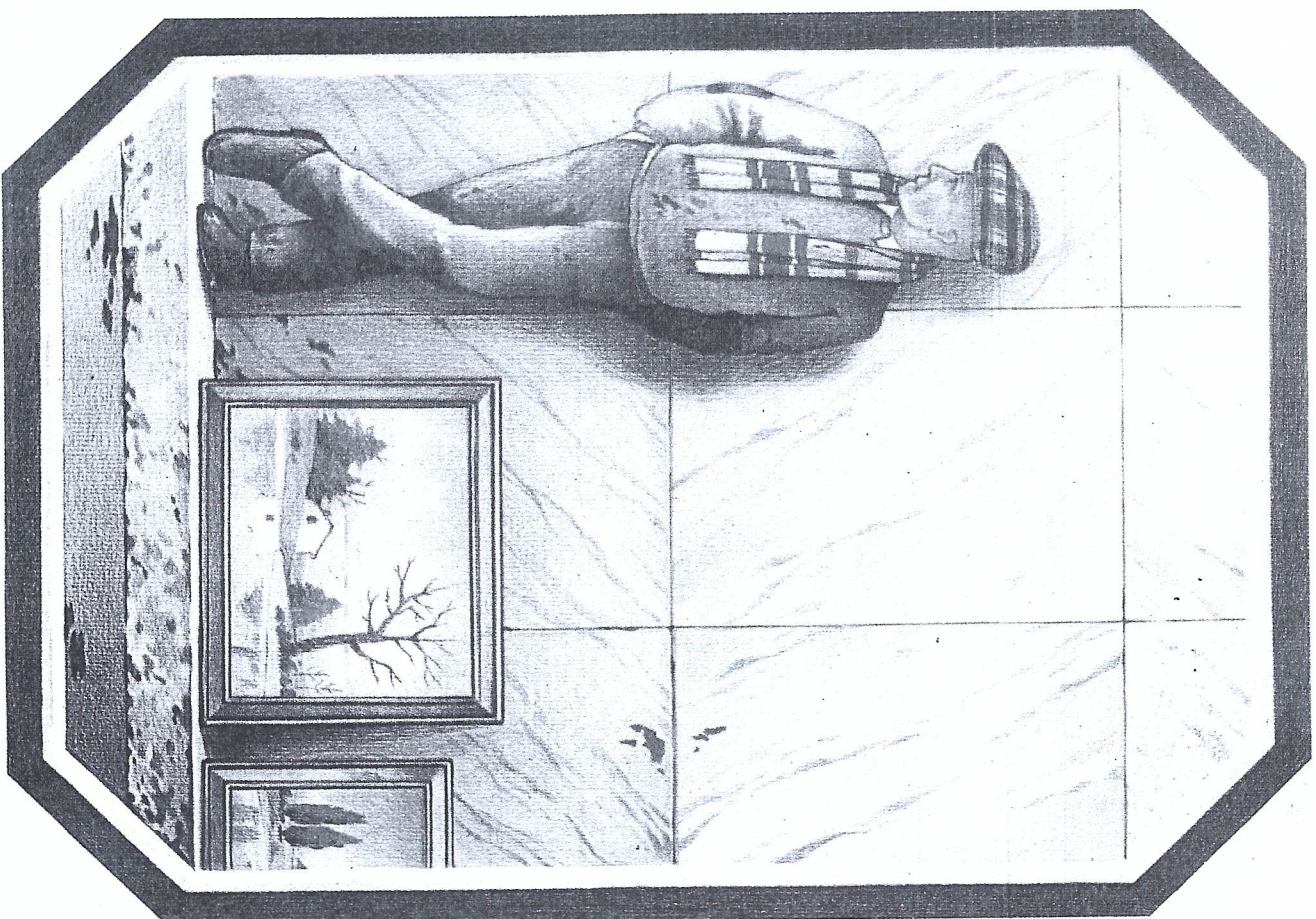
— Olá Zézinho, já andas a tratar de negócios?

— Não me chamo Zézinho, disse Miguel. Sou Miguel.

— Então bons dias, Miguel. Que vieste cá fazer?

— Vender a minha pintura, respondeu Miguel.

— Pintura? Chamas aquilo pintura, seu pilrete? Vem cá



e olha para isto! O velho acompanhou as suas palavras com um gesto de mão que abrangia todos os quadros expostos à sua volta.

Miguel aproximou-se cheio de respeito e olhou para as paisagens e as caras meidas em molduras de plástico brilhante. Eram paisagens muito certinhas e limpinhas como se fossem lavadas com sabão e as cabeças das mulheres e das meninas pareciam-se com as dos reclames da montra do cabeleireiro do outro lado da rua.

— Então que tal? perguntou o velho.

— Devem ser pinturas verdadeiras, respondeu Miguel, porque não sabia o que dizer e continuou: — Eu não quis pintar pinturas verdadeiras.

— Que é que quistes então pintar?

— Quis pintar as ideias que me vinham à cabeça. E que me vêm sempre ideias à cabeça, às vezes são alegres e outras vezes são tristes. Não tenho a quem as contar. Por isso as pus naquela folha de cartolina.

O velhoriu-se e disse:

— Não és nada tolo, rapaz.

Miguel e a moeda

Da multidão que passava, a maioria das pessoas apenas deitava um rápido olhar sobre a pintura e depois um outro sobre Miguel. Algumas sorriam ou até davam gargalhadas, mas não faltavam outras com ar carrancudo. Se, de tempos

a tempos, alguém se lembrava de parar e contemplar o quadro com um pouco mais de atenção, Miguel esboçava imediatamente o sorriso meio simpático meio triste e respondia a todas as perguntas com as respostas que ensaiara com o homem do blusão negro. Não conseguia libertar-se da ideia de que ele devia estar escondido em qualquer lugar perto, para o observar.

Numa tarde aconteceu uma senhora deitar-lhe uma moeda aos pés. Miguel levantou-a e fez menção de a devolver.

— Não sejas trouxa, disse a senhora. Aceita o que te dão!

A mãe não tencionava fazer do filho um mendigo. Por isso contou, preocupada, ao homem do blusão negro o que sucedera.

— E que mal faz a um dez reis de gente aceitar uma moeda? disse ele.

A mãe baixou a cabeça e suspirou.

A Bruxa?

Poucos dias depois, em frente de Miguel parou uma senhora com as faces pintadas de cor de canela, pálpebras negras e boca roxa. Na cabeça trazia um chapelinho de plumas e na mão segurava uma bengala com a qual apontou para o quadro, grasnando:

— Vendes aquilo?

— Vendo, sim.

— Por quanto?

— Por cinco notas.

A estranha senhora tirou da carteira uma nota estreita e curta:

— Como esta?

— Não, disse Miguel timidamente, como essa não.

Ela puxou por outra nota, acastanhada, mas Miguel esclareceu que não, que também não servia. Por fim, ela segurou entre as mãos ossudas uma nota comprida, azulada.

— Como esta, disse Miguel e sabia que estava a ser atrevido.

Então aquela senhora ergueu a bengala contra ele, num gesto de ameaça e vociferou:

— Malandro! Desavergonhado! No meu tempo, os meninos tinham mais respeito!

Depois continuou o seu caminho, murmurando palavras de azedume.

— Era a bruxa da floresta encantada! segredou o velho dos quadros.

Assustado, Miguel perguntou:

— Era mesmo?

O velho riu-se e troçou:

— Então que é isso, seu pintorzinho? Sempre tão cheio de ideias mirabolantes e tem medo das bruxas?

Mais tarde, em casa, Miguel contou à mãe o que aconteceu e ela, por sua vez, contou ao homem do blusão negro, que apenas comentou:

— Quem quer fazer bom negócio, tem de se armar de paciência. Também Roma e Pavia não se fizeram num dia.

A menina conselheira

Foi numa tarde cheia de sol que se aproximou, saltitando alegremente, uma menina de longas tranças com dois laçotes vermelhos nas pontas. Olhou para a pintura de Miguel e perguntou:

— Foste tu que pintaste isso?

— Fui, respondeu Miguel.

Ela examinou atentamente todas as manchas e figuras.

— Não está nada mal, mas tenho um irmão que faz pássaros e aviões mais bonitos do que tu. Também sabe pintar o mar e os rios com barcos. Mas eu gosto daqueles homens com chapéu e das mulheres de saias redondas que pintaste. E também das duas nuvens. O que é que se passa na nuvem preta?

— Lá nascem as pessoas más.

— As que são como os diabos?

— Sim, as que são como os diabos.

— E na nuvem cor de rosa?

— Lá nascem as pessoas boas.

— As que são como os anjos?

— Sim, as que são como os anjos.

— Porque é que não pintas uma nuvem verde?

— Verde?

— Sim, verde como o mar, os pinheiros, os figos, os limões, as couves, o hortelã, a relva, o musgo...

— Mas o que se passa na nuvem verde? perguntou Miguel.

— Lá nascem as pessoas que não são nem diabos nem anjos, as que são como a própria natureza.

— Que queres tu dizer com isso?

— Não percebes? Ora repara: a natureza é boa connosco quando nos oferece dias bonitos, quando tudo se abre em flor, quando a água do mar está mansa e a dos rios corre quentinha para podermos tomar banho nela, ou mesmo quando a chuva cai mansinha para que as plantas possam beber com gosto sem se engasgarem; mas a natureza não é boa nos dias em que a gente anda a tiritar e a bater os dentes de tanto frio, quando o vento uiva como os lobos famintos ou quando as trovoadas, de tão coléricas, nos magoam os ouvidos como se de fogo de artilharia se tratasse...

Admirado, Miguel olhou para aquela menina que sabia falar com grande tino.

— Tu és muito inteligente, disse ele. Como te chamas?

— Renata. E tu?

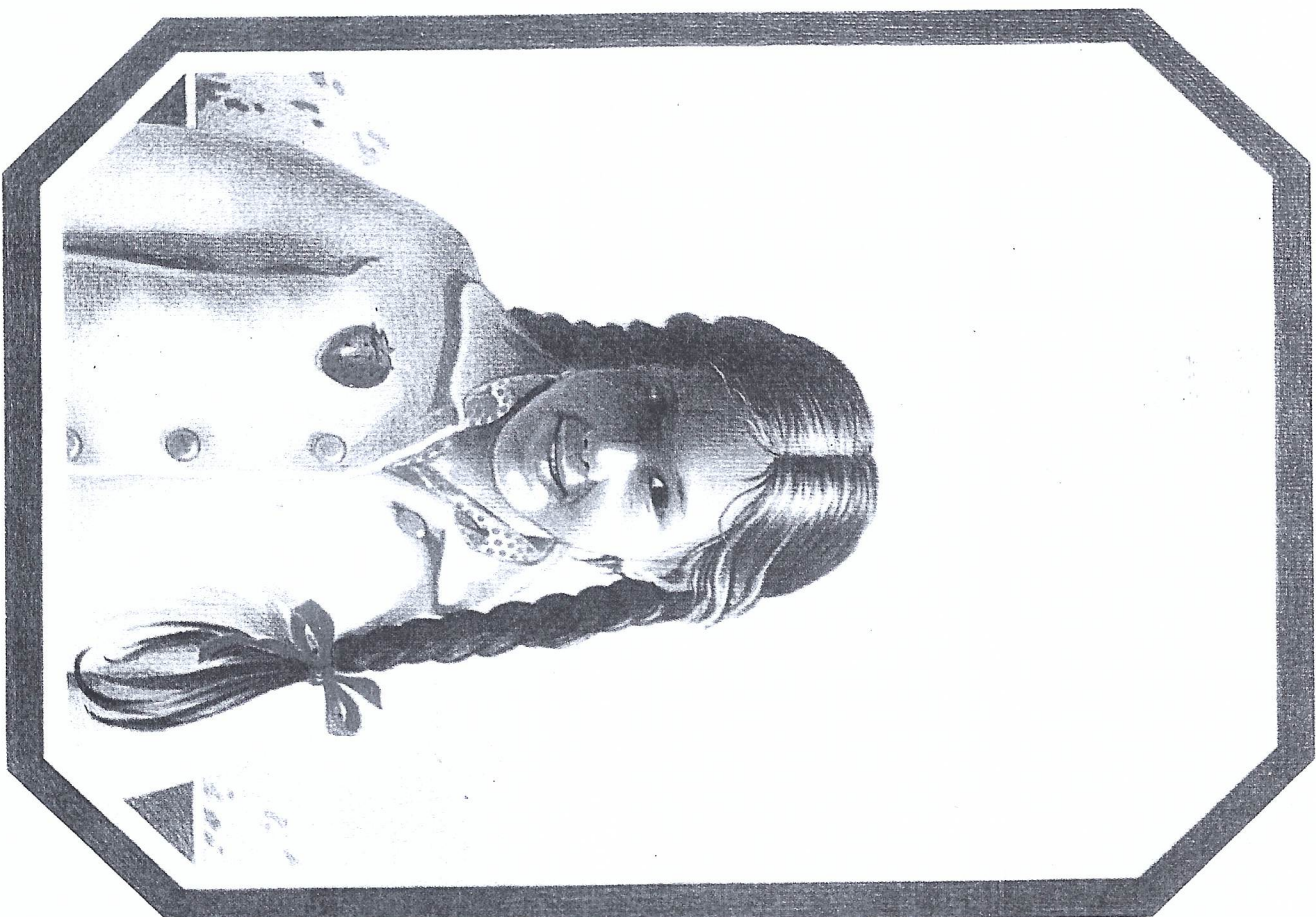
— Miguel.

— Porque é que me achas inteligente, Miguel?

— Disseste coisas que eu não sabia, Renata.

— Não sabias? Vamos lá a ver: porventura és sempre bom rapaz?

— Não, nem sempre, respondeu Miguel, pois lembrava-



-se de ter mentido várias vezes à mãe e de a ter ajudado pouco nas suas lides.

— És sempre mau? perguntou Renata.

— Sempre mau também não sou, disse Miguel, pois como podia ele ser mau com tantas ideias bonitas na cabeça?

— E a tua mãe é sempre boa?

— Não é, não, disse ele, pois como podia ela ser boa se consentia que ele fosse posto ali na rua a vender a sua pintura e o afastava sempre que aparecia o homem do blusão negro.

— É sempre má, a tua mãe?

— Não, isso também não! exclamou Miguel, lembrando-se de como ela lhe preparava o pequeno almoço pela manhã cedo antes de ir para a fábrica, e de como cuidava dele com amor e zelo quando, à tardinha, voltava a casa com grandes olheiras negras no rosto fatigado.

— Vês, Miguel? Tem de haver uma nuvem onde tu e a tua mãe e muitas outras pessoas nascem e onde nascem as pessoas que não são nem diabos nem anjos.

— Tens razão, concordou Miguel. Tenho de pintar a nuvem verde.

— Acho que sim, acho que fazias bem, aconselhou Renata e depois seguiu caminho, saltitando com tanta alegria que as suas tranças com os laços vermelhos nas pontas flutuavam como bandeiras no ar.

A nuvem verde toma o seu lugar

Conforme as ordens do homem do blusão negro, Miguel deixava o quadro na cave do prédio quando voltava da rua.

Mas, nesse dia em que conheceu Renata, carregou com ele escadas acima. Fazia-o com grande cautela, para não estragar a moldura.

— Que te deu? admirou-se a mãe.

— Preciso de pintar uma nuvem verde, respondeu Miguel.

— Por amor de Deus, meu filho! Não vês que podes dar cabo de tudo aquilo se te puseres a juntar mais borrações?

— Não fale assim, minha mãe. A nuvem verde é importante. Apreendi que ela é mais importante do que a preta e a cor de rosa.

— Pronto! Lá estás tu com as tuas fantasias.

— Ouça, mãe! Na nuvem verde nascem as pessoas que não são nem diabos nem anjos. A mãe nasceu lá e eu também.

A mãe passou-lhe a mão pela cara e disse:

— Tem juízo e senta-te à mesa. A comida está pronta.

— Primeiro tenho de pintar a nuvem verde. Não quero comer antes de a ter pintado.

A mãe suspirou e abanou a cabeça:

— Pinta lá a tua nuvem verde, Miguel. Mas depois come, ouviste? De fantasias ninguém se sustenta.

Com o azul e o amarelo Miguel misturou o verde das folhas na primavera, o mais fresco e mais mimoso de todos

os verdes. E com ele pintou a nuvem onde nasce a gente que não é sempre boa nem sempre má, tal como acontece com a natureza.

Um convite honroso

Um senhor de perinha e uma senhora magra pararam diante de Miguel.

— Olá rapaz! cumprimentou o senhor e depois apontou para o quadro:

— Pintaste tudo isso?

— Pinte sim, respondeu Miguel.

— E gostas de pintar? perguntou a senhora.

— Gosto, disse Miguel, mas na verdade já não tinha a certeza. Já não sabia se realmente gostava de pintar.

O senhor e a senhora olharam com atenção para todas as figuras e manchas, fizeram um ar pensativo, cochicharam um com o outro e por fim a senhora perguntou:

— Como te chamas, rapaz?

— Miguel.

— Ouve Miguel, disse então o senhor de perinha, nós somos professores e estamos a montar, no salão da Câmara Municipal, uma exposição de pinturas feitas por crianças. Não queres participar?

Miguel não sabia bem o que era isso de participar numa exposição. A senhora compreendeu o seu embaraço e explicou:

— Vamos pendurar a tua pintura junto de outras pinturas feitas por crianças como tu. E muita gente vai lá ver. Claro, tu também hás-de ir, e tenho a certeza de que vais gostar.

— Primeiro tenho de perguntar ao homem.

— Que homem?

— O homem de blusão negro, que aparece de visita à minha mãe e a quem pertence a ideia.

— Qual ideia?

— De eu estar aqui na rua para vender a minha pintura.

O senhor da perinha e a senhora magra entreolharam-se e depois exclamaram:

— Incredível!

Uma exposição importante

— Uma exposição na Câmara Municipal? disse o homem de blusão negro. Esplêndido! Uma boa propaganda para ti, rapaz.

Nunca antes Miguel subira escadas com tanta largura, nem pisara passadeiras tão fofas. Também nunca antes viu uma sala tão grande e com um soalho tão reluzente.

A toda a volta da sala havia pinturas penduradas. Viu imediatamente a sua, porque nenhuma outra tinha uma moldura tão vistosa.

Uma senhora de olhos bondosos perguntou-lhe:

— És um dos expositores?

Miguel disse que sim com a cabeça, pois sentiu tamanho orgulho por ser um expositor que nem conseguiu falar.

A senhora conduziu-o pela mão para junto dum grupo de crianças.

— Qual é a tua pintura? perguntou uma menina.

— Aquela. A que tem a moldura cor de ouro, respondeu Miguel.

— E este o da moldura! exclamou ela apontando para Miguel. Todas as crianças se viraram para ele e uma exclamou:

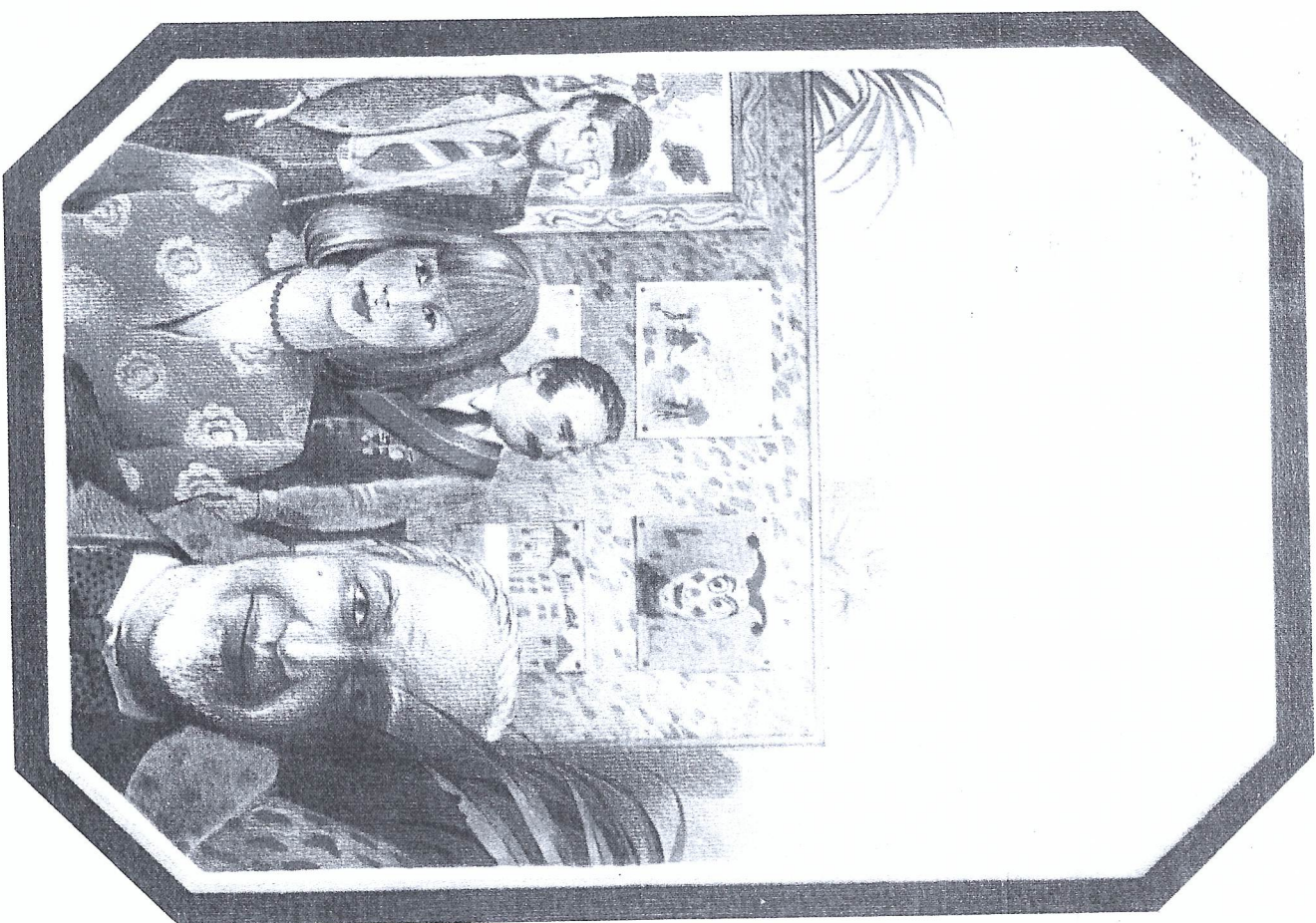
— Que grande fanfarrão!

Então Miguel amaldiçoou a moldura.

Pouco a pouco a sala encheu-se de pessoas bem postas que se cumprimentaram, paltraram e sorriam. Entraram também o professor e a professora acompanhados dum senhor fardado. Distribuíram cumprimentos e sorrisos, e depois conduziram o senhor fardado de pintura em pintura. Os outros visitantes seguiam-nos, sempre ao longo das paredes, para ouvirem as explicações dos professores sobre o que os meninos pintaram. A professora tocava de leve, com uma varinha, nas manchas e figuras e sabia dizer coisas complicadas sobre todas elas.

Quando chegaram ao quadro emoldurado, de Miguel, ela elucidou:

— É o trabalho dum menino que encontramos na rua.



Alguém o tinha obrigado a estar lá para tentar vendê-lo.

Parecia o rumorejar de folhas quando o vento sopra com violência, tão agitado foi o murmúrio das pessoas em volta. O senhor fardado, indignado, exclamou:

— Custa a acreditar!

— Vem cá, Miguel! chamou a professora.

Hesitante, ele obedeceu.

— Explica a estes senhores o que quer dizer isto? perguntou ela apontando para a grande mancha preta.

— É a nuvem onde nascem as pessoas más, disse Miguel e sentiu o coração bater-lhe na garganta.

— E onde nascem as pessoas boas? quis saber o senhor fardado.

Miguel indicou-lhe a mancha cor de rosa, mas logo em seguida acrescentou:

— O senhor vê a nuvem verde?

O senhor aproximou a cara da pintura e procurou com os olhos a mancha verde.

— Será esta? perguntou por fim.

— Sim, respondeu Miguel, é a nuvem verde onde nascem as pessoas que não são nem diabos nem anjos.

Então o senhor fardado virou-se para ele e pôs um ar severo:

— Tu não estás a ser esperto demais, meu fedelho?

As pessoas em volta abanaram a cabeça, como fazem os bonecos do teatro de roberetos.

— Podes voltar ao teu lugar, Miguel, disse a professora e conduziu o grupo à pintura seguinte.

Depois de terem dado a volta à sala toda, ela chamou as crianças, agrupou-as em fila e apresentou-as:

— Os nossos pequenos expositores.

— Que amorzinhos!... Que engraçados! exclamaram os visitantes.

E o senhor fardado falou dum modo grave e com o dedo no ar:

— Meus meninos expositores! Espero que continuem a trabalhar com afíno para o contentamento e para a alegria dos vossos educadores.

As pessoas em volta deram palmas.

O melhor foi, no final, a merenda com bolos e laranja-das, servida especialmente para os expositores, numa mesa comprida do átrio da Câmara Municipal.

Um comprador

Poucos dias depois Miguel e a sua pintura encontravam-se de novo na ruela do centro da cidade.

— Então, de volta? disse o velho pintor abanando a cabeça num gesto como quem diz: «Parece impossível».

Era um dia frio. Miguel esfregava as mãos uma contra a outra e sentiu-se desanimado como nunca.

— A vida dos artistas é dura, disse o velho.

Miguel não sabia o que responder.

— Ainda tens tempo para escolher outro ofício, disse então o velho e riu-se como se tivesse dito algum gracejo.

Nesse momento Miguel viu um senhor sair dum grande automóvel e começar a andar, impacientemente, dum lado para o outro. Estava à espera de alguém, era evidente. Como por desfasio, parou em frente de Miguel e olhou, um tanto distraído, para a pintura tão espalhafatosamente encaixilhada. O seu olhar fixou-se no rapazinho e perguntou, estupefacto:

— Que é que estás aqui a fazer, catraio?

— Quero vender o meu quadro.

— Vender aquilo?! exclamou o senhor, apontando com a mão enluvada para a pintura. E depois de ter soltado uma gargalhada sonora, quis saber:

— Por quanto?

— Por cinco notas compridas azuis, disse Miguel receando outra gargalhada.

Mas o senhor não riu. Fitou-o uns momentos, com espanto nos olhos. Depois tirou do bolso interior do casaco uma carteira recheada de notas de banco. Apartou uma delas e mostrou-a a Miguel:

— Cinco como esta?

— Sim, como essa, respondeu Miguel a medo.

— Com os diabos! Em toda a minha vida nunca encontrei um finório como tu. Assim hás-de ir longe. Eu cá sei como se fazem os grandes homens de negócio. Toma lá, e estendeu cinco notas a Miguel, acho que mereces. Continua assim, meu espetalhão, se queres vencer na vida.

Nesse momento parou um táxi de que se apeou uma senhora bonita que se aproximou do comprador. Ao vê-lo

com o quadro de Miguel na mão, espantou-se:

— Que é isto, Jorge?

— Um quadro para a minha colecção, respondeu ele rindo.

A senhora examinou a pintura e olhou rapidamente para Miguel. Sorriu um tanto benevolente, um tanto irónica, e gracejou:

— Enfim, só mesmo tu, Jorge! Só mesmo tu!

Desejando «Boa sorte!» a Miguel os dois afastaram-se. Divertidos como crianças, guardaram o quadro na mala do automóvel e partiram.

— És um felizardo, rapaz! exclamou o velho pintor. — Tomara eu que alguém me comprasse um quadro por uma só dessas notas.

Uma nova amizade

Quando, nessa tardinha, a mãe voltou para casa, Miguel entregou-lhe o dinheiro sem pronunciar palavra.

Contente e comovida, ela disse:

— És uma jóia de rapaz, meu filho.

Depois precipitou-se pela porta fora e voltou com uma grande pasta de chocolate.

— Come, Miguel, é só para ti!

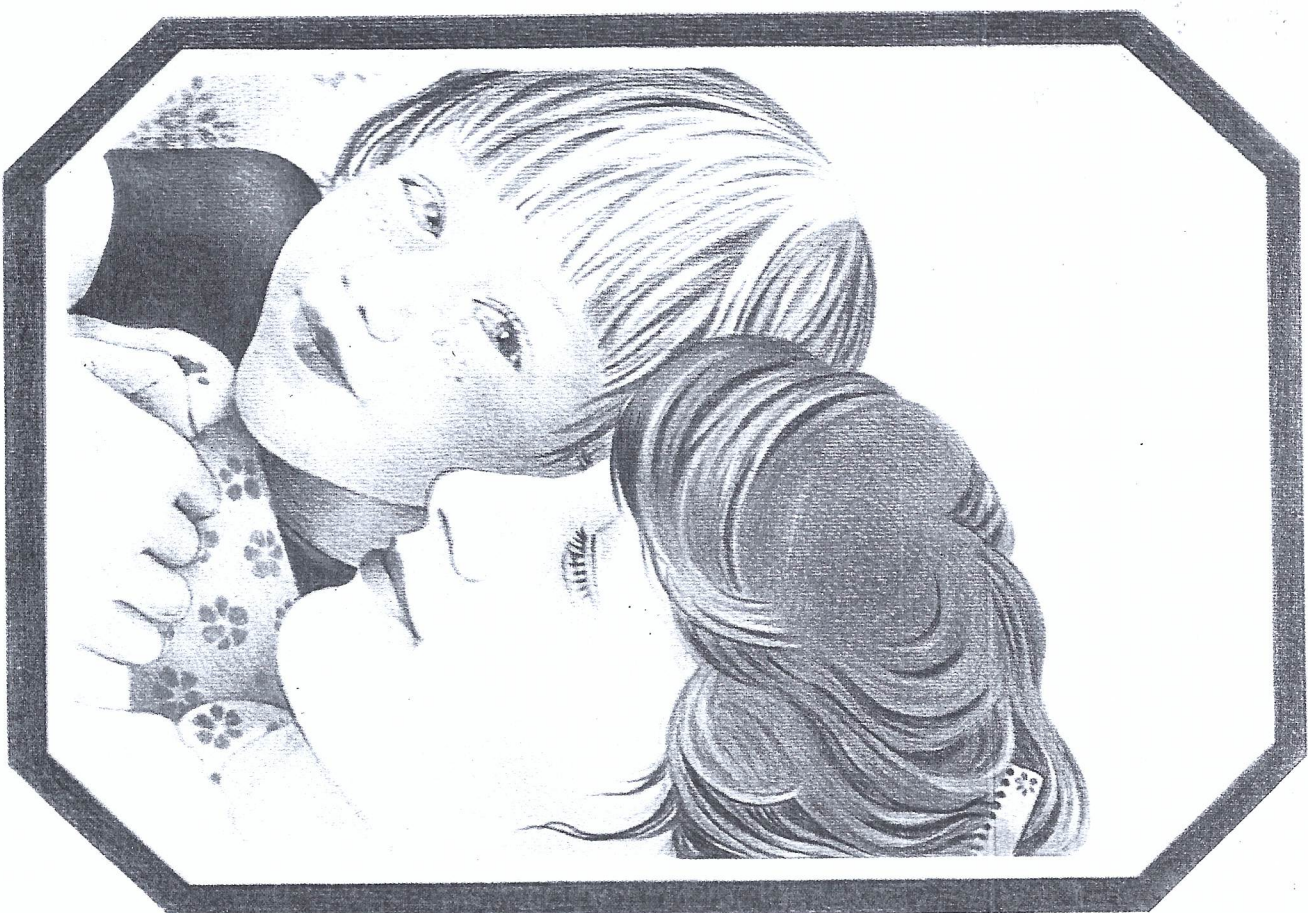
Mas Miguel não tocou naquela guloseima, embora não houvesse nada que ele mais gostasse de comer.

Satisfeita com a sorte que lhe saíra, a mãe tagarelou:

— Amanhã vamos comprar uma data de coisas boas. Vamos festejar a venda da tua pintura. E depois havemos de arranjar outra caixa de tintas, muito maior do que a que tu tens, com mais cores ainda. E então vais-nos pintar outro quadro para vender na rua, tão vistoso que toda a gente da cidade o há-de querer comprar...

Como se alguma coisa a tivesse assustado, parou de repente de trabalhar e de falar. Virou-se para Miguel, imóvel no meio do quarto. Ao vê-lo, muito franzino e pálido, com os olhos arregalados e tão atretorizados como se um abismo escuro se tivesse aberto diante dele para o engolir, ela teve a impressão de o ver pela primeira vez na vida. E então pensou aflita: «Onde tenho eu estado? Onde tenho eu estado?»

Hesitante, quase acanhada, aproximou-se dele. Gostaria de o abraçar, mas não o fez. Mãe e filho entrecolharam-se.



Ambos queriam falar, mas nem um nem outro encontraram as palavras certas.

Depois de uns momentos, longos que pareciam horas, o rosto da mãe abriu-se lentamente num sorriso. Sorriso que era como a chegada duma viagem através da noite à luminosidade do dia. E, sem grande gestos, dum modo simples e quente, ela falou:

— Vamos comprar umas coisas boas, Miguel. Vamos também comprar a caixa das tintas. Gostava que pintasses uma grande nuvem verde com todos os lindos verdes que este mundo tem. Gostava de o pendurar em cima da minha cama. De acordo?

— De acordo, mãe, disse Miguel. Abraçou a mãe com toda a força que tinha. Lágrimas de alegria turvavam-lhe os olhos.